



“ATAQUES DE TUBARÕES”: RELAÇÕES MULTIESPÉCIE E GÊNERO NAS PRAIAS DE PERNAMBUCO-BRASIL.

Rayana Mendonça do Nascimento (PPGA/UFPE- rayanapreta@gmail.com)

Ana Cláudia da Silva Rodrigues (DAM/ PPGA/UFPE- acrodrigues@gmail.com)

RESUMO: Pernambuco é o estado brasileiro com o maior número de incidentes entre humanos e tubarões do Brasil. A cada incidente, as relações entre os humanos e os animais (tubarões) são reconfiguradas a partir de uma complexa rede de ações, que envolvem o Estado e as políticas públicas de mitigação dos incidentes, os usuários das praias, ativistas e ambientalistas, pesquisadores e as várias espécies de tubarões que habitam esse ambiente. O “encontro” entre pessoas e tubarões demanda esforços e disputas em torno da melhor forma de coabitar as praias. Desde a década de 1990, os incidentes são contabilizados e, até o momento, sessenta e cinco casos foram registrados oficialmente, e desses apenas dois foram com mulheres. Este trabalho, busca entender o porquê da disparidade no número de incidentes ocorridos entre tubarões e homens em detrimento dos incidentes ocorridos entre tubarões e mulheres, pautados nos estudos antropológicos das relações humanos e animais e suas interseccionalidades com o gênero, a classe social, a raça e a geração. Lança ainda um olhar para a ideia de cuidado por meio das relações multiespécies.

Palavras-chave: Gênero, Coabitar; Tubarões.

"SHARK ATTACKS": MULTISPECIES RELATIONS AND GENDER ON THE BEACHES OF PERNAMBUCO - BRAZIL.

ABSTRACT: Pernambuco is the Brazilian state with the highest number of incidents between humans and sharks in Brazil. With each incident, the relationship between humans and animals (sharks) is reconfigured based on a complex network of actions, which involve the State and public policies to mitigate incidents, beach users, activists and environmentalists, researchers and the various species of sharks that inhabit this environment. The “encounter” between people and sharks demands efforts and disputes around the best way to cohabit the beaches. Since the 1990s, incidents have been accounted for and so far sixty-five cases have been officially registered, of which only two were with women. This work seeks to understand the reason for the disparity in the number of incidents between sharks and men at the expense of incidents between sharks and women, based on anthropological studies of human and animal relations and their intersectionality such as gender, social class, race and generation. It also takes a look at the idea of care through multispecies relationships.

Keywords: Gender, Cohabitation; Sharks.



INTRODUÇÃO

Por ser localizado no Nordeste do Brasil e possuir belas praias, o litoral pernambucano tem o mar como um dos principais cartões postais, atraindo sua população e turistas durante todo o ano. No início dos anos 90, as praias urbanas localizadas na capital e adjacências eram as mais frequentadas tanto para o lazer quanto para a prática de esportes aquáticos como a natação e o surf, com isso, Pernambuco passou a ser reconhecido como berço de surfistas campeões mundiais. Também foi nesse período que iniciaram os registros oficiais dos incidentes entre os humanos e os tubarões. Algumas reportagens abordam incidentes anteriores a esse período, nas décadas de 40 e 80, mas, foram incidentes esporádicos. Foi na década de 1990, contudo que eles se intensificaram. Somente no ano de 1994 foram dez incidentes, principalmente nas praias urbanas de Boa Viagem (em frente ao Edifício Acaiaca) em Recife, e na praia de Piedade (em frente a Igreja de Piedade) em Jaboatão dos Guararapes, área metropolitana do Recife, ocasionando um grande número de vítimas amputadas e fatais.

Até o momento, foram registrados oficialmente sessenta e cinco¹ incidentes² em Pernambuco, sendo cinquenta e nove vítimas homens e apenas duas vítimas mulheres; além disso, os dados oficiais relatam quatro vítimas que possuem identidade desconhecida. Na maioria dos casos a faixa etária é entre 14 e 25 anos.³ No intuito de diminuir esses incidentes entre humanos e tubarões em Pernambuco, o Governo do Estado criou algumas medidas de prevenção, como a proibição dos esportes aquáticos nas praias urbanas que compõe a maior parte da Região Metropolitana do Recife e a instalação de placas educativas por toda a extensão litorânea onde já ocorreram incidentes. Qualquer pessoa que caminhar pelo extenso calçadão da praia de Boa Viagem – a praia urbana mais conhecida da capital - irá se deparar, em diversos pontos da sua

¹ Dados atualizados pelo Comitê Estadual de Monitoramento de Tubarões (CEMIT-PE). A última atualização foi realizada em 2018. Desses sessenta e cinco incidentes, trinta e dois foram com surfistas e trinta e três com banhistas. Em 2021 ocorreram mais dois casos, porém, ainda não consta nos dados oficiais do CEMIT.

² O termo incidente foi escolhido para ser utilizado em detrimento ao termo “ataque”, pois é utilizado para explicar os casos que ocorreram entre humanos e tubarões pelos cientistas e pesquisadores, já que o termo “ataque” aguça o imaginário de pavor em relação ao animal. O termo “ataque” será utilizado fazendo referência às placas de avisos, nas palavras de outros autores, e quando se referir à percepção da população (SILVA; NASCIMENTO, 2019).

³ Não há registros oficiais sobre raça e/ou classe social das vítimas de incidentes com tubarões no estado de Pernambuco. Os dados que obtivemos em reportagens e/ou entrevistas estarão dispostos no decorrer desse artigo.



extensão, com placas: “Área sujeita a ataque de tubarão”. As placas possuem também informações preventivas para evitar incidentes com o animal.

As praias urbanas pernambucanas hoje são um dos principais locais de lazer da população, mas nem sempre foi assim. No contexto histórico, a burguesia não visitava esses espaços (ARAUJO, 2007), que eram um ambiente utilizado por comunidades pesqueiras que se relacionavam de forma diferente com o mar, não se tratando apenas de lazer, mas, também de outras formas de sobrevivências. Gradativamente, essa relação com o litoral foi se modificando e, por consequência, seu território foi ocupado em toda a sua extensão, expulsando essas comunidades pesqueiras, dando lugar à especulação imobiliária. Entretanto, ainda é possível ver pescadores artesanais nessas praias.

Um bom exemplo disso é a praia de Boa Viagem, a praia mais conhecida da capital pernambucana, localizada no bairro com o mesmo nome, que teve seu *boom* imobiliário a partir da década de 1970, resultando em uma verticalização da sua orla devido ao alto índice demográfico e na perda de algumas características ambientais com aterramento de manguezais para construção de avenidas e prédios, processo que ocorre até os dias atuais. A perspectiva histórica, ambiental e cultural ajuda a entender os incidentes entre os humanos e os tubarões, isto é, quanto maior a população usuária⁴ das praias, maior é a exposição ao risco de um “mau encontro” (SILVA; NASCIMENTO, 2019).

Em decorrência do crescimento demográfico e do grande número de turistas frequentando a praia, a quantidade de incidentes entre humanos e tubarões se intensificou nas praias de Boa Viagem (vinte e três casos) e Piedade (dezenove casos), sendo estes os locais com o maior número de ocorrências no estado de Pernambuco. Porém, os desequilíbrios ambientais advindos da construção do Complexo Portuário de Suape, foram fundamentais para aumentar a presença de tubarões próximos a essas praias, como demonstram os trabalhos de Silva (2019) e Silva; Nascimento (2019).

A partir disso, iniciaram-se campanhas de educação e conscientização da população, tendo a prática do surf proibida nessas áreas de risco conforme o decreto nº 21.402 sancionado em 1999. Além do surf, o decreto proíbe o bodyboarding e atividades náuticas similares. Já em 2014, um novo decreto nº40923 publicado no Diário Oficial da

⁴ A população usuária das praias urbanas localizadas no litoral da Região Metropolitana do Recife (RMR) são em sua maioria provenientes das periferias formadas majoritariamente por negros/as. A classe média local também frequenta as praias, mas os ricos preferem frequentar as praias do litoral sul do estado de Pernambuco, como, por exemplo, a praia de Porto de Galinhas, um importante ponto turístico brasileiro.



União aumentou as restrições. Atualmente, estão impedidas as práticas de esportes aquáticos de mergulho, natação e atividades náuticas ou aquáticas similares nas áreas de risco, e quem desobedecer aos salva-vidas ou sinalizações está sujeito a multas. Porém, na prática, não há uma fiscalização efetiva e, com exceção do surf, os demais esportes continuam sendo desempenhados nas praias sinalizadas. A proibição do surf causou grandes protestos, mas observa-se que com a ação houve diminuição considerável no número de incidentes com surfistas.

Este artigo resulta de pesquisa sobre gênero e risco nos casos de ataques de tubarões nas praias de Pernambuco (NASCIMENTO, 2018), mediante pesquisa documental em jornais de grande circulação no estado, publicações do período de 2000 a 2018 (ano do último incidente registrado oficialmente), e integra a Pesquisa: “Relações interespecíficas: o caso dos tubarões em Pernambuco”, desenvolvida pelo Ayé – Laboratório Interdisciplinar Natureza, Cultura e Técnica do Programa de Pós- Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Para maior compreensão dos argumentos elencados neste artigo, dividimos em duas partes. Na primeira parte apresentamos as estratégias utilizadas pelo poder público para mitigar os incidentes, na segunda parte adentramos nas relações interespecíficas e as questões de gênero que envolvem os incidentes.

OS TUBARÕES ESTÃO AQUI. E AGORA?

Com o aumento dos incidentes, o número de turistas caiu consideravelmente. O turismo, que antes fazia parte das praias urbanas da Região Metropolitana do Recife, foi realocado para as praias do Litoral Sul como Porto de Galinhas e Maracaípe. Atualmente, a praia de Maracaípe é a praia onde mais se pratica surf e demais esportes aquáticos no estado, recebendo, inclusive, campeonatos de nível mundial. Porém, alguns surfistas ainda se arriscam em áreas onde já aconteceram incidentes, como no trecho conhecido como “Nordestão” na praia do Paiva, e na praia de Del Chifre em Olinda.

O grande número de incidentes entre humanos e tubarões obteve uma grande repercussão na mídia nacional e internacional, em especial pelo número elevado de mortes. A partir de uma cobrança da população e dos órgãos internacionais para uma resolução dos casos, houve uma mobilização em torno de pesquisas científicas e



investimento do estado para a criação do Comitê Estadual de Monitoramento de Incidentes com Tubarão (CEMIT- PE). Criado a partir do decreto estadual nº 26.729 em 2004, o CEMIT- PE é vinculado à Secretária de Defesa Social de Pernambuco (SDS). Dele participam o Corpo de Bombeiros Militar de Pernambuco, a Polícia Militar de Pernambuco, o Instituto de Medicina Legal e a Agência Estadual do Meio Ambiente (CPRH), como membros efetivos. Além disso, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (IBAMA), a Capitania dos Portos de Pernambuco e a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SEMAS) participam como membros convidados.

O CEMIT- PE tem como atribuições: acompanhar e registrar os incidentes com tubarões, consolidando os dados estatísticos; definir estratégias e ações que visem minimizar os riscos de incidentes com tubarões nas praias afetadas; acompanhar as ações desencadeadas pelos diversos órgãos relacionados aos incidentes com tubarões; atuar como centro de referência, orientando as informações e discussões sobre o referido assunto e avaliar impactos de toda ordem, sejam econômicos, sociais ou ambientais, decorrentes dos incidentes e ações empreendidas. Na prática, só se escuta falar do comitê quando ocorre um incidente e os dados produzidos e disponibilizados para a população referem-se às seguintes estatísticas dos casos: local, se houve óbito, data, dia da semana, nome, idade, sexo, lua, lesão, praia e município.

No mesmo ano de criação do Comitê, o então governador, Eduardo Campos, assinou um convênio com a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) para a execução do projeto Pesquisa e Monitoramento de Tubarões na Costa do Estado de Pernambuco (PROTUBA). Sob a responsabilidade do Departamento de Engenharia de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e do Instituto Oceanário, o projeto rastreava e monitorava os tubarões no litoral pernambucano. A partir das expedições desse projeto, que ficou em vigor entre os anos de 2004 e 2015, foi possível identificar as principais espécies de tubarão que estão territorializadas no litoral do estado de Pernambuco.

O projeto também realizou algumas ações de educação ambiental a partir de folhetos informativos distribuídos nas praias urbanas pernambucanas onde ocorreram incidentes entre humanos e tubarões. Porém, o intuito do PROTUBA não era aprofundar a relação entre o humano e o tubarão, mas, sim, compreender o comportamento das



espécies de tubarões que habitam as praias urbanas localizadas na Região Metropolitana do Recife. Suas pesquisas foram fundamentais na criação de dados inexistentes sobre os tubarões em Pernambuco, e seus pesquisadores encabeçam as listas de especialistas em tubarões a nível mundial. Atualmente, a UFRPE continua desenvolvendo pesquisas com tubarões como a realizada por Jonas Rodrigues (2019) intitulada “A problemática de incidentes com tubarões em Pernambuco, Brasil”.

Em pouco mais de duas décadas, como já foi mencionado, foram registrados oficialmente sessenta e cinco incidentes em todo o estado. No total, vinte e sete vítimas faleceram, número que pode ser maior devido ao número de subnotificações. Desses incidentes, três foram registrados na ilha de Fernando de Noronha, sendo o primeiro reportado em 2015. As subnotificações, nesse caso, referem-se a óbitos que o Instituto Médico Legal identifica como morte por afogamento, mesmo o corpo da vítima possuindo algum tipo de mordida de animais marinhos, assim como, incidentes que não fazem parte dos dados oficiais, esses que ocorreram antes de 1992.

A relação vivenciada entre humanos e tubarões na ilha de Fernando de Noronha é diferente da relação vivenciada na área metropolitana do Recife. Enquanto na ilha a relação de convivência é algo que faz parte do cotidiano, nas praias urbanas da área que compõe a capital do estado é marcada por uma geração de pessoas que não tomam banho de mar, nem praticam esportes aquáticos para não correr o risco de ser “atacado” pelo animal. Entre os anos de 2015 e 2018 houve um hiato de incidentes nas praias urbanas da Região Metropolitana do Recife, nesse período apenas incidentes no arquipélago de Fernando de Noronha foram registrados. Nesse sentido, é importante compreender, primeiramente, as entidades heterogêneas que remontam a humanos e não humanos, conectados no que o senso comum chama de vínculo social (LATOUR, 2012), há uma série de confluências ativas nas praias. E, esse vínculo social é marcado por dimensões culturais e relações desiguais de gênero, raça, classe social e ambiente e essas relações também incidem nas relações que estabelecemos com os não-humanos.

Quase trinta anos de histórias entre humanos e tubarões em Pernambuco fizeram com que esses animais fizessem parte do cotidiano dos moradores e turistas. As placas espalhadas pela orla, os suvinis vendidos com temáticas de tubarões, pingentes com dentes de tubarões, camisetas, além de serem representações simbólicas, também funcionam como relações indiretas que conectam esses animais a nós. Passamos a



conhecer nomes e características de alguns tubarões como o da espécie cabeça chata (*Carcharhinus leucas*) classificado como territorialista e violento, tubarão tigre (*Galeocerdo cuvier*), forte e curioso.

Os estudos sobre relações interespecíficas têm privilegiado as relações entre humanos e animais domesticados e espécies companheiras (HARAWAY, 2008). Já as relações com animais ditos selvagens foram abordadas no Brasil por Flávio Silveira (2015), Felipe Sussekind (2014), Guilherme Sá (2013), dentre outros e em geral esses trabalhos abordam contextos de parques, comunidades indígenas, centro de pesquisas. São raros os trabalhos sobre a presença de animais da megafauna em áreas urbanas, como os tubarões em Recife. Neste sentido, este texto parte de um contexto urbano, uma grande metrópole com suas características e dinâmicas socioambientais e o contato, muitas vezes não desejado, com os tubarões nas águas rasas de suas praias e as complexas relações de gênero, classe, geração e ambiente. Assume-se, então, o desafio de dialogar com a produção de pesquisas no campo das relações humanas e suas interseccionalidades para compreender as disparidades nos números de incidentes entre tubarões e humanos homens e humanos mulheres.

GÊNERO E OS INCIDENTES COM TUBARÕES EM PERNAMBUCO

Entender o porquê do alto índice de incidentes com homens e tubarões no estado de Pernambuco em relação ao número de incidentes com mulheres é um dos focos deste trabalho. Mas, antes de se basear nos cinquenta e nove casos registrados oficialmente a partir da década de 1990 com o sexo masculino, vamos voltar um pouco no tempo. A reportagem do Diário de Pernambuco, publicada em 21 de novembro de 2017, sobre os vinte e cinco anos dos incidentes entre humanos e tubarões registrados oficialmente em Pernambuco, traz informações sobre alguns casos históricos.

O primeiro foi registrado em 1845. De acordo com o jornal, na área do Cais da Alfândega “um homem de cor negra entrou na água para tomar banho junto às escadinhas quando um tubarão comeu sua perna. A vítima, que não foi identificada, chegou a ser socorrida, mas morreu”. A reportagem também cita um famoso caso que não faz parte dos registros oficiais que ocorreu com o religioso Frei Serafim, em 1947. O frei, na época com vinte e cinco anos, entrou no mar em frente a Igrejinha de Piedade e veio a óbito



após o incidente com um tubarão. Os casos históricos, assim como os dados registrados oficialmente apontam um caminho: os homens sofrem mais incidentes com tubarões que as mulheres. Antes de analisar o porquê de essa relação interespecífica ser mais dominante com homens, baseando-se na categoria antropológica de gênero, é importante trazer um relato dos únicos dois casos de incidentes que ocorreram entre mulheres e tubarões no estado de Pernambuco.

O primeiro caso com uma mulher ocorreu no final da tarde do dia 22 de maio de 2004, na praia de Piedade, em Jaboatão dos Guararapes, mais especificamente próximo ao Hospital da Aeronáutica. A estudante de fisioterapia de 24 anos Naiane Barbosa Bringel, estava com água um pouco acima do joelho, quando abaixou no mar para urinar, sendo surpreendida pelo tubarão. Com a mordida, a banhista teve uma lesão grave nas suas coxas e nádegas, mas não sofreu amputação dos membros lesionados. Ainda sobre o caso, algumas informações da reportagem publicada no Jornal do Comércio, no dia 23 de maio de 2004:

Segundo o Corpo de Bombeiros (CB), este é o primeiro caso envolvendo uma mulher. De 1992 até agora, já foram registrados 48 ataques no litoral pernambucano, sendo quatro neste ano. O último caso ocorreu no último dia 1º, quando o corpo de Orlando Oscar da Silva, 22, foi encontrado com marcas de mordidas de tubarão na Praia de Piedade. O guarda-vidas Edmir Lopes Júnior, que socorreu Naiane, contou que a banhista estava a cerca de 20 metros da praia quando foi atacada. “Pensei que ela tivesse se afogando. Só vi que tinha sido tubarão quando ela saiu da água e deu para ver a mordida”, diz. A mãe de Naiane, Conceição Bringel, disse que a filha não costumava ir à praia, mas tinha ido ontem porque um colega de Maceió estava no Recife.⁵

No ano de 2004, foi contabilizado um total de sete⁶ incidentes entre humanos e tubarões, fato que coincide com a expansão do Porto de Suape para receber mais cargas ocasionando grande movimentação de navios. Os deslocamentos de navios estão relacionados à presença de tubarões que seguem os navios para se alimentar dos dejetos. Na reportagem, é possível identificar a surpresa em a vítima ser uma mulher (e não ser uma surfista, prática proibida no estado desde 1999) e, junto ao relato, reforça-se mais um caso ocorrido com homem, para destacar o fato inédito. Há poucas reportagens sobre

⁵ Disponível em: http://acervo.ne10.uol.com.br/sites/tubarao/materia_ataque43.htm. Acessado em 29.08.20.

⁶ Dados oficiais do CEMIT.



esse caso e não há a veiculação de nenhuma foto da estudante, por se tratar de uma família influente no estado, a mesma não quis dar informações com mais detalhes, demonstrando que a questão de classe interfere na exposição de sua história nas mídias.

De acordo com o ISAF⁷, qualquer fluído corporal é atraente para os tubarões, como por exemplo, a urina e a menstruação feminina. Sangue, em qualquer forma, pode estar no topo da lista, já que a capacidade dos tubarões em detectar quantidades mínimas de sangue e aromas de outros materiais orgânicos é incrível. Porém, não há dados científicos sólidos que relacionem a menstruação e a urina aos incidentes com mulheres, como também não há uma contabilização mundial exata desses incidentes. Acredita-se que, no caso da estudante, o fato mais contundente seja realmente a quantidade de gente e tubarões nas praias, era um domingo, quando várias pessoas se deslocam para praias, além disso, dias antes havia acontecido outro incidente nas imediações. Não se sabe qual espécie de tubarão “atacou” a jovem, entretanto, a predominância dos incidentes neste período era de tubarão da espécie cabeça chata (*Carcharhinus leucas*) e tigre (*Galeocerdo cuvier*), ambos podem permanecer por dias na mesma área caso haja possibilidade de alimentação. Cabe destacar que humanos não fazem parte da cadeia alimentar dos tubarões, porém existem alguns casos relatados. O historiador Marcus Redike em seu livro “O Navio Negreiro” (2011), mostra que os corpos dos escravos eram jogados ao mar para serem comidos por tubarões, modificando hábitos e rotas destes animais durante o período do tráfico transatlântico. Destaca também a forma como tal prática era utilizada para fazer pressão psicológica em mulheres que se recusavam a fazer sexo com os marujos e crianças que roubavam comida. Mesmo sabendo que em condições específicas isso pode ocorrer, há de se levar em consideração o ambiente em que ocorrem essa alimentação. Tubarões, segundo especialistas, confundem humanos com presas e suas mordidas são consideradas exploratórias. Entretanto, é interessante observar que essas relações conflituosas são históricas e trazem marcas das desigualdades de gênero e raça perpetradas pelo próprio humano e envolvendo os animais.

O segundo incidente com uma mulher ocorreu nove anos depois. A turista Bruna Silva Gobbi, de 18 anos, estava passando as férias na capital pernambucana. Enquanto se banhava em frente ao Edifício Anabella, na praia de Boa Viagem, no dia 22 de julho de

⁷ International Shark Attack File (ISAF). Disponível em: <https://www.floridamuseum.ufl.edu/shark-attacks/>. Acessado em: 28/08/20.



2013, ela caiu em uma corrente de retorno⁸ e foi mordida na coxa esquerda e na panturrilha por um tubarão. Mesmo com todo o empenho e socorro prestado pelo Corpo de Bombeiros do estado, Bruna veio a óbito, sendo, assim, a primeira mulher morta em um ataque de tubarão no estado de Pernambuco. Cabe ressaltar que as mortes em Pernambuco estão atreladas a gravidade das lesões, mas também as condições precárias de socorro às vítimas.

Diferente do primeiro caso com uma mulher registrado oficialmente no estado, o caso da Bruna Gobbi foi amplamente divulgado. Há várias reportagens e imagens do momento do ataque e do socorro, pois tratava-se de outro momento tecnológico, já que os celulares ajudam nos registros em tempo real. Bruna morava em São Paulo e não tinha muito contato com o mar e, além disso, um conjunto de fatores externos contribuiu para o ocorrido. A reportagem da Globo Pernambuco publicada em 23 de julho de 2013 detalha alguns dados sobre o dia do incidente:

A estudante visitava o Recife pela primeira vez - passava férias com a família. Ela chegou na última quinta (18) ao estado e voltaria para a capital paulista na próxima quarta (24). Bruna estava na praia de Boa Viagem com a mãe, a avó, primos que moram em Olinda e uma prima, Daniele Souza Gobbi, que estava no mar com ela, mas não foi atacada. "Sabíamos que havia riscos de ataque, mas eu não achava que seria tão no raso, e sim no fundo", comentou Daniele. Não tivemos acesso nem a fotos do ferimento nem a pedaços de dentes que possam indicar qual a espécie. A gente especula, pela época e pelas condições, que tenha sido o [tubarão] cabeça-chata", afirma Rosângela Lessa, presidente do Cemit e professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). "Houve um conjunto de condições que foram fatais", explica Rosângela. Entre elas estão o tempo chuvoso, a água turva, que atrai o tubarão cabeça-chata, a lua cheia e o mês de julho, época de mais ataques e temporada de férias.⁹

O fato de as mulheres participarem de menos incidentes com tubarões está atrelado a nossa construção sociocultural na qual cada gênero tem o seu papel social e tipo de comportamento definido. As mulheres são educadas para obedecer ao padrão

⁸ O pesquisador da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Jonas Rodrigues, explica esse termo na entrevista cedida para a reportagem do El País: "Entre o arrecife e a praia tem uma falha, uma espécie de quebra", explica o especialista. "Essa área forma um canal de retorno da água que chega com as ondas", diz. É um pedaço do mar que acaba sendo mais profundo, e de difícil identificação olhando da areia. Por isso, muitos acabam caindo nele. Rodrigues explica que essas áreas também podem ser móveis, formadas por bancos de areia, que são mais facilmente identificados olhando de fora da água. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/04/politica/1528141078_127074.html. Acessado em 29/08/20.

⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/07/bruna-gobbi-foi-1-mulher-morta-em-ataque-de-tubarao-em-pernambuco.html>. Acessado em: 28.08.20



social, baseado no controle e na proibição de várias atitudes que são inerentes apenas aos homens, consequências da “moralidade sexual e dos estereótipos de gênero” construídos desde o período colonial (STOLCKE, 2006). A perspectiva aqui adotada é compreendida a partir dos papéis sociais ditos apropriados ao feminino e ao masculino a partir de uma construção social, ou seja, uma construção social imposta aos corpos sexuados (SCOTT, 1995; ORTNER, 2007; HEILBORN; SORJ, 1999). Esses papéis sociais para cada gênero influenciam diretamente no comportamento tanto do homem quanto da mulher. Margareth Mead (1969) diz que a forma que as mulheres são educadas é o que faz esse comportamento ser ressignificado.

A análise desse trabalho se pauta na dimensão cultural da nossa sociedade, já que os papéis sociais exercidos por homens e mulheres são inerentes a cada cultura. Quando os incidentes começaram a ser registrados oficialmente em Pernambuco, na década de 1990, a sua grande maioria ocorria com surfistas. Eles adentravam ao mar em uma região mais profunda e assim acabavam ficando mais suscetível a encontrar o animal selvagem. Nessa mesma época, raramente se via uma mulher surfista, o que aumentava a probabilidade dos incidentes nesse período serem com homens. Todavia, mesmo com um número escasso de mulheres surfistas, fato esse reconhecido mundialmente, não significa que não acontecia incidentes com elas. Um exemplo conhecido é o da surfista americana Bethany Meilani Hamilton que teve seu braço amputado em um incidente ocorrido com um tubarão em 2003, quando tinha apenas 13 anos.

De acordo com o ISAF, de modo algum pode ser atribuído ao tubarão preferência em relação aos homens e as mulheres, portanto, são as condições sociais e culturais que colocam homens e mulheres em situações diferentes quanto ao risco de ser atacado/a por um tubarão. A preferência dos homens por atividades aquáticas que colocam o humano em maior risco como surf, mergulho ou natação de longa distância é o que faz com que estejam mais suscetíveis, segundo os dados do Instituto.

Nos últimos anos, mais mulheres estão se envolvendo em atividades mais arriscadas, anteriormente tidas como masculinas, e isso fez com que o número de incidentes com mulheres aumentasse em vários países; mesmo assim, ainda não se compara ao número de incidentes com homens. A partir de uma análise empírica da nossa construção social, é possível observar que ao homem é ensinado a ser forte, encarar os perigos de frente enquanto a mulher é ensinado o processo de cuidado consigo e com seus



filhos ao exercer o papel de mãe, e a proibição de atos, gestos e comportamentos inerentes ao homem. Apesar de uma mudança gradual nos comportamentos femininos e masculinos em todas as esferas sociais, a desigualdade ainda existe. A literatura antropológica e feminista vem chamando atenção para o fato do cuidado de si e dos outros ser uma prática delegada às mulheres (GUIMARÃES & HIRATA, 2012), assim, espera-se que as mulheres tenham mais cuidado ao se expor a riscos. Atualmente, nas praias do Recife, é comum a imagem de mulheres “cuidando” de seus filhos colocando-os para tomar banho em piscinas de plástico oferecidas por donos de barracas de praias ou até mesmo piscinas próprias para evitar que seus filhos entrem no mar.

Dessa forma, é possível refletir que as atividades não apenas são diferenciadas entre o gênero feminino e masculino, mas elas também são hierarquizadas (HIRATA; KERGOAT, 2007), já que as relações de gênero também se constituem como relações de poder (ORTNER, 2007; SCOTT, 1995). Esses papéis estabelecidos pelo gênero perpassam também a relação que tanto o masculino quanto o feminino terão com o risco. O alerta “Perigo área sujeita a ataque de tubarão” tem efeito diferente para homens e mulheres e é necessário compreender como ambos os sexos lidam com a ideia de risco e perigo.

Assim como houve uma mudança no comportamento das pessoas a partir da iminência do risco ao entrar no mar, também houve uma mudança no comportamento dos tubarões devido a várias ações humanas em seu habitat. De acordo com pesquisadores das ciências naturais e biológicas, a interferência humana no ambiente de forma descontrolada é uma das causas do aumento do número de tubarões próximos ao litoral. Há risco para os humanos e também para os tubarões nesse contexto e a compreensão disso passa por uma perspectiva cultural e social como nos aponta Mary Douglas (1976), ao mostrar que as percepções acerca do perigo e as prevenções ao risco são estabelecidas a partir da composição cultural em que os sujeitos estão inseridos. O perigo, seria então, uma ameaça à ordem social, porém não mais uma ordem social restrita aos humanos, mas uma ordem social com outros sócios.

A partir da proibição dos esportes aquáticos, os incidentes, que antes ocorriam em seu maior número com surfistas, passaram a ocorrer em sua maioria com banhistas. Os dois últimos incidentes registrados na Região Metropolitana do Recife ocorreram no mesmo local conhecido como "Igrejinha de Piedade", com menos de dois meses de



diferença entre eles. Analisá-los, permite entender o comportamento dos homens perante o risco de incidentes. A reportagem publicada pela Globo Pernambuco no dia 04 de junho de 2018, informa que, no dia anterior, data do último incidente registrado em Pernambuco, os bombeiros relatam que "realizaram mais de vinte intervenções para que os banhistas saíssem do mar, em virtude do perigo no local". Na mesma reportagem, o senhor Sebastião dos Santos, comerciante que trabalha nas redondezas do local do incidente, afirma que:

O Corpo de Bombeiros foi lá, avisar a eles, e eles continuaram lá e um avançou. Foi a hora em que o tubarão pegou. No sábado [dia 2], os bombeiros foram buscar uma turma de jovens que estava no mar. Ontem de manhã buscaram um casal no mesmo local. Quando vi, já foi o sangue. Os bombeiros correram, outro senhor também pegou ele, foi quando chegou a ambulância.¹⁰

O incidente anterior aconteceu com as mesmas características. Era um domingo, final de tarde, o banhista também estava com água na altura da cintura e nas mesmas imediações. Na reportagem publicada também pela Globo Pernambuco, em 11 de junho de 2018, uma semana depois do último incidente, relata, segundo eles, a "imprudência dos banhistas" no mesmo local dos dois últimos incidentes:

Apesar da presença dos bombeiros, que reforçaram as ações em pontos da orla pernambucana, dois rapazes ficaram no mar com água acima da cintura e foram retirados. Um homem, que estava de camiseta preta, também se arriscou e mergulhou na área. Um grupo de jovens também entrou no mar e desistiu do banho após a orientação dos militares. Um guarda-vidas também alertou um rapaz que estava perto da faixa de areia para o risco de ataque de tubarão.¹¹

Esses relatos demonstram que, mesmo cientes do risco iminente de ocorrer incidente com um tubarão, os homens ignoraram esse fato e se arriscaram ao mar, afirmativa essa perceptível a partir da análise dos dois últimos casos. Bem diferente do que ocorreu nos dois casos envolvendo mulheres, em que uma foi ao mar para urinar e a outra foi puxada por uma corrente de retorno, ou seja, não imaginava estar em risco, ou se colocar em risco, não foi um enfretamento das normas.

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/no-dia-do-ataque-de-tubarao-bombeiros-fizeram-20-alertas-para-retirar-banhistas-da-mesma-area.ghtml>. Acessado em 28.08.2020.

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/banhistas-se-arriscam-em-area-de-ataques-recentes-de-tubarao-no-grande-recife.ghtml>. Acessado em: 28.08.2020



Com base nos dados apresentados, é possível inferir que os homens estão mais suscetíveis aos incidentes com tubarões porque, a partir de uma construção cultural de papéis exercidos de acordo com o gênero no contexto social, eles se expõem mais ao risco iminente que as mulheres. Em relatos de amigos que acompanhavam o rapaz de 18 anos ele teria dito “eu não tenho medo não. Tubarão não me pega, ele não pega os nativos”.

Homens e mulheres vivenciam de maneiras diferentes suas relações com outros animais não humanos. No caso dos tubarões e os “ataques” ocorridos em praias urbanas, uma condição imprescindível para esse encontro é estar no mar. E a escolha de adentrá-lo, mesmo sabendo da possibilidade de um mau encontro com um tubarão, passa por apreensões diferentes do risco para homens e mulheres. As placas expõem diversas informações referentes ao comportamento nas praias como, por exemplo, não entrar no mar em marés altas, em determinadas fases da lua, com águas turvas. Dados da pesquisa “Relações Interspecíficas” mostram que, dentre as mulheres entrevistadas, todas relatam medo de tomar banho de mar nas praias urbanas. Elas costumam ler as placas com mais frequência e atender as indicações dos salva-vidas. Há uma percepção diferenciada para o risco marcado pela dimensão do cuidado. E com isso não estamos essencializando, no sentido de colocar as mulheres como mais suscetíveis a algo, mas, ao contrário, ao afirmar dimensões culturais dos comportamentos, percebemos que isso tem um efeito prático na realidade das relações entre humanos e animais.

Se elas são as que menos morrem neste ambiente multiespécie que é o mar, por seus comportamentos menos arriscados e mais cuidadosos, numa narrativa ficcional, é uma mulher que protagoniza a mutante, Shark Girl da Marvel. Devido à exposição na mídia internacional, a empresa de quadrinhos norte-americana Marvel Comics lançou, no ano de 2012, a personagem mutante “Shark Girl” (Garota- Tubarão, em português), que faz parte da franquia de enorme sucesso X-Men. Com o nome de Iara dos Santos, moradora de Boa Viagem, Zona Sul do Recife, uma das praias urbanas com mais incidentes com tubarões, a personagem se alimenta de peixes crus e se transforma em uma enorme fêmea de tubarão. Nessa perspectiva, a “mutante” passa a ser defensora dos tubarões, impedindo que o animal seja caçado por pescadores ilegais. A escolha do gênero da personagem se faz não relacionado com os incidentes, mas sim com a proteção e cuidado com o animal selvagem.



A categoria de cuidado e a coabitação entre humanos e tubarões no estado de Pernambuco também foram retratadas na música “Dorival”, do grupo local Academia da Berlinda. A canção detalha o dia a dia da mulher ao ver seu amado ir para o mar trabalhar: “Dorival, vai não, vai não, tá cheio de tubarão no mar, Val, vai não, arranja um emprego no chão.

As relações de cuidado foram bastante debatidas pelo *care studies* (KITTAI, 1999; TRONTO, 1999) numa lógica que enfatiza as funções que mulheres e homens ocupam na sociedade definindo papéis específicos, como mostrado neste artigo. Além da tentativa de desnaturalizar o cuidado como sendo atribuído apenas às mulheres, esses estudos ressaltaram pontos positivos do cuidado como o compromisso, a confiança e o amor. Nesse sentido, há nas formas como as mulheres se relacionam com o perigo de ataques de tubarão nas praias de Pernambuco, um cuidado que as protegem pela evitação do encontro com o animal selvagem. Assim, o cuidado funciona como uma forma de pensar e estar no mundo, um mundo intersectado por dimensões de gênero, raça/etnia, classe, geração, ambiente e outros seres.

CONCLUSÃO

Os estudos multiespécie apontaram para uma contribuição significativa das questões de gênero, classe, raça e posicionamento dos pesquisadores e suas formas criativas de repensar as relações humanos e animais e natureza e cultura (DOOREN; KIRKSEY; MÜNSTER, 2016). Mostraram a necessidade de fugir das amarras do *anthropos* sem cair numa conceituação redutora, homogeneizadora da vida humana e não humana. Convivemos em um mundo multiespécie e apesar de estarmos ligados uns aos outros num emaranhado de seres, reconhecemos que os humanos não estão emaranhados da mesma forma. Dentro de mundos multiespécies se desenrolam diversas histórias de gênero, raça, economia política e colonização. E é nesse sentido que apostamos na interseccionalidade, conceito cunhado no feminismo negro (CRENSHAW, 1989; AKOTIRENE, 2018), mas acrescentando nesse cruzamento outros seres, uma interseccionalidade de dentro (entre humanos) pra fora (entre espécies e outros seres) para habitar mundos plurais.



Autoras como Donna Haraway e Anna Tsing dentre tantas outras, por meio da crítica renovada trazida pelas ecofeministas (Maízza & Vieira, 2018), mostraram que não é possível pensar temas como desenvolvimento, capitalismo e questões ambientais sem levar a sério as desigualdades de gênero, raça e classe social. Há formas diferentes de habitar os mundos e muitas vezes a exploração e a violência contra as mulheres estão atreladas ao domínio e ao desenvolvimento de práticas capitalistas que dominam também os não-humanos.

É cruzando gênero, desenvolvimento, economia, classe e geração que aos poucos vamos retirando as camadas dessa complexa relação entre humanos e tubarões em Pernambuco. São nesses cruzamentos que aspectos ligados aos desequilíbrios ambientais ativados pela construção do Porto de Suape desencadeiam ações de tubarões nas praias de Recife e Região Metropolitana. Não por acaso são praias urbanas com grande frequência de pessoas pobres, negras e jovens periféricos. Cruzar esses determinantes sociais nos permite observar que nesse “mau encontro” jovens entre 18 e 25 anos são as principais vítimas, num jogo também complexo que envolve geração, juventude e posturas diante do risco de ser “atacado” por um tubarão. Quais são os jovens de classe popular que podem usufruir da prática de surf em praias seguras? Quem são as pessoas que podem vivenciar experiências menos radicais com os tubarões em Fernando de Noronha?

Este texto procurou mostrar como as mulheres estão envolvidas nos incidentes com tubarões nas praias de Pernambuco, e, a partir desta realidade entrelaçar discussões que possam contribuir com os atuais estudos sobre “Cuidado Múltiespécies” (SCHOER, 2021) por meio da proposta de “interseccionalidades multiespécies”. Assim, soma-se a uma série de pesquisas que se perguntam como, onde e em que espaço o cuidado ocorre e em que medida ele nos mostram outras formas de pensar e viver o mundo atual (MOL, 2008; PUIG DE LA BELLACASA, 2010, 2017).



REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. 2007. *As praias e os dias: história social das praias de Recife e de Olinda*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife.
- AKOTIRENE, Carla. 2018. *O que é interseccionalidade*. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento.
- CRENSHAW, Kimberle. 1989. "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics," *University of Chicago Legal Forum*:
- DOOREN, T., KIRKSEY, E., MÜNSTER, U. 2016. *Multispecies studies: Cultivating arts of attentiveness*. *Environmental Humanities*, n. 8, pp. 1-23.
- DOUGLAS, Mary. 1976. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- GUIMARÃES, Nadya Araújo. & HIRATA, Helena. Introdução. 2012. *In: "Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho do care"*, p.1-12. Organizado por: GUIMARÃES, N. & HIRATA, H. Editora Atlas S.A - São Paulo.
- HARAWAY, D. 2008. *When species meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. 1999. "Estudos de gênero no Brasil", in: MICELI, Sérgio (org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, p. 183-221.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. 2007. *Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho*. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n.132, p.595-609.
- KITTAY, Eva. 2011. "The ethics of care, dependence and disability". *Ratio Juris* (24), p. 49-58
- LATOUR, Bruno. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-Rede*. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc.
- MAIZZA, F., e S. A. Vieira. 2018. *Introdução ao dossiê Ecologia e Feminismo: criações políticas de mulheres indígenas, quilombolas e camponesas*. *Campos* 19(1):9-15. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/cra.v19i1.64071>.
- MOL, Annemarie. 2008. *The logic of care*. London: Routledge.
- MEAD, Margareth. 1969. *Sexo e Temperamento*. São Paulo, Editora Perspectiva.
- NASCIMENTO, Rayana Mendonça do. 2018. *Entre o gênero e o risco: uma análise antropológica dos incidentes entre humanos e tubarões em Pernambuco*. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
- ORTNER, Sherry. 2007. *Uma Atualização da Teoria da Prática*. In. GROSSI, Miriam Pillar;
- ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (Org.). *Reunião Brasileira de Antropologia. Conferências e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra.
- PUIG DE LA BELLACASA, Maria. 2010. "Ethical Doings in Naturecultures." *Ethics, Place & Environment*. 13, no. 2: 151–69.
- _____. 2017. *Matters of Care: Speculative Ethics in More Than Human Worlds*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- REDIKER, Marcus. 2011. *O Navio Negroiro. Uma história humana*. São Paulo: Companhia das Letras.
- RODRIGUES, Jonas Eugenio Rodrigues da Silva. 2019. *A problemática de incidentes com tubarões em Pernambuco*. Brasil
- SÁ, Guilherme. *No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013. 224 p.



- SCOTT, Joan. 1995. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo.
- SCHROER, Sara Asu. 2021. "Caring for Falcons in a Time of Extinction." *Theorizing the Contemporary, Fieldsights*, January 26. <https://culanth.org/fieldsights/caring-for-falcons-in-a-time-of-extinction>.
- SILVA, Ana Cláudia Rodrigues da. 2019. Habitabilidades: humanos e tubarões em Pernambuco/Brasil. *Revista Coletiva*, nº 10.
- SILVA, Ana Cláudia Rodrigues da; NASCIMENTO, Rayana Mendonça do. 2019. Aprendendo a conviver com os tubarões: relações entre humanos e não humanos em Recife e no Arquipélago de Fernando de Noronha (BRA). *Caderno eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 7, n. 2.
- SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. De um prosaico coexistir interespecífico aos dilemas do biopoder: interações humanas e não humanas no mundo urbano amazônico. *Ilha - Revista de Antropologia*, v. 17, p. 55-81, 2015.
- STOLKE, Verena. 2006. O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 15, jan.
- SÜSSEKIND, Felipe. O rastro da onça - Relações entre humanos e animais no Pantanal. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014. v. 1.
- TRONTO, Joan. 1999. *Moral Boundaries: a political argument for an ethic of care*. London: Routledge.